Revista Pax Domini é licenciada sob
uma Licença Creative Commons.

DIVERSIDADE RELIGIOSA E PENTECOSTALISMO NA AMAZÔNIA: ALGUMAS REFLEXÕES ANTROPOLÓGICAS

Donizete Rodrigues[1]

Resumo

Falar de diversidade religiosa e/na Amazônia traz dois grandes desafios científico-acadêmicos: primeiro, a área natural-geográfica é imensa e, segundo, esta região apresenta uma enorme complexidade cultural e religiosa. Por isso, este artigo pretende apenas fazer algumas reflexões histórico-sócio-antropológicas sobre a presença e a dinâmica religiosa do protestantismo-pentecostalismo na Amazônia. O objetivo é discutir as dinâmicas históricas e registar, etnograficamente, as manifestações de movimentos missionários e de igrejas (neo) pentecostais, materializadas no forte processo de conversão e evangelização de comunidades tradicionais - indígenas, ribeirinhos, caboclos e populações peri-urbanas.

Palavras-Chave: Amazônia; diversidade religiosa; pentecostalismo; missões evangélicas.

Abstract

Addressing religious diversity and/in the Amazon brings us two major scientific and academic challenges: first, the natural-geographical area is immense and, second, this region presents an enormous cultural and religious complexity. Therefore, this article intends only to make some historical-socio-anthropological considerations on the presence and the religious dynamics of Protestantism-Pentecostalism in the Amazon. The objective is to discuss the historical dynamics and to record ethnographically the manifestations of missionary movements and neo-Pentecostal churches, materialized in the strong process of conversion and evangelization of traditional communities - indigenous, riverine, 'caboclos' and peri-urban people.

Keywords: Amazon; religious diversities; pentecostalism; evangelical missions.

[1] Professor Associado com Livre-Docência da Universidade da Beira Interior e Pesquisador-Sênior do Centro em Rede de Investigação em Antropologia, Portugal. É, também, professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade do Estado do Pará e Professor-Visitante no Departamento de Sociologia e Antropologia da Ben-Gurion University of the Negev, Israel.

Ao longo da minha trajetória etnográfica, como um antropólogo do sagrado[2], tenho trabalhado sobre o tema 'religion on the move', basicamente sobre os novos processos migratórios transnacionais, relacionados ao movimento protestante pentecostal, ou seja, o estudo das denominadas igrejas evangélicas no contexto diaspórico, com enfoque nos imigrantes brasileiros[3]. Para entender melhor este fenômeno, tenho realizado trabalhos de campo etnográficos em várias partes do mundo, América (Brasil e Estados Unidos), Europa (vários países) e, mais recentemente, na Ásia (Japão e Camboja). Portanto, é daí que vem a minha experiência antropológica sobre o estudo das religiões e práticas religiosas, em particular sobre o pentecostalismo. E, de repente, surgiu-me o desafio em pesquisar na Amazônia.[4]

Em primeiro lugar, devo confessar que chego agora neste terreno etnográfico e nesta complexa - mas deveras aliciante - problemática antropológica, que é o estudo na Amazônia.[5] Ao longo da (sua) história, esta região gigantesca, de águas, plantas, bichos (reais e encantados) e de pessoas, que já tem sido objeto de inúmeros estudos. Portanto, há uma vasta produção científico-acadêmica sobre a sua enorme diversidade étnica, cultural e religiosa: xamanismo indígena-pajelança; catolicismo popular; espiritismo kardecista; cultos aos orixás; e os mais recentes movimentos protestantes de missões e imigrações, compondo um campo religioso-sincrético, indígena, católico, africano e protestante-evangélico.

No meu primeiro contacto com a Amazônia, em 2017, a minha preocupação imediata foi fazer uma (re)leitura da importante obra *História dos Índios no Brasil*

---

[2] RODRIGUES, Donizete. *O Antropólogo e o Sagrado:* trajetos etnográficos em contextos religiosos diferenciados. In: Emerson Sena da Silveira (ed.). *Como Estudar as Religiões* – metodologias e estratégias. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.

[3] RODRIGUES, Donizete. *O Evangélico Imigrante:* o pentecostalismo brasileiro salvando a América. São Paulo: Fonte Editorial, 2016.

[4] Devo isso ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade do Estado do Pará. Um especial agradecimento ao Manoel Moraes, que me apresentou à Amazônia, e ao Douglas Rodrigues, pelo constante suporte institucional.

[5] O meu primeiro trabalho antropológico sobre pentecostalização de povos tradicionais na Amazônia começou no Estado do Pará, com os Suruí-Aikewara (São Geraldo do Araguaia, médio Tocantins), projeto já iniciado pelo Manoel Moraes, da UEPA. No entanto, o estudo hoje abrange outras áreas, nomeadamente Amapá, Rondônia e Amazonas. O foco etnográfico é procurar entender a forma como as populações tradicionais (principalmente indígenas) da Amazônia, a partir da sua cosmologia, absorvem, interiorizam e ressignificam a religiosidade evangélica.

(1992), organizada pela Manuela Carneiro da Cunha (que tive o privilégio de tê-la como professora no meu mestrado em Antropologia na Universidade de São Paulo) e que dá um grande destaque a esta região do país.

No entanto, para um aprofundamento histórico-antropológico da Amazônia, temos que considerar, também, as descrições não consideradas científico-acadêmicas, etnográficas/antropológicas, sobre as práticas religiosas das tribos indígenas[6]. Para isso, temos que recuar ao século XVI, principalmente, as primeiras descrições feitas pelos missionários jesuítas e, em menor escala, pelos missionários protestantes. Posteriormente, surgiram os trabalhos realizados por antropólogos de várias Escolas: alemã, francesa, norte-americana e brasileira.[7] Quando falamos de colonização, povoamento, ocupação da Amazônia, uma pergunta pertinente surge de imediato: de que povos (e misturas entre eles) é feita a Amazônia hoje? Ou seja, quais foram os elementos que formaram o '*ethos* brasileiro-amazônico'?

Do ponto de vista antropológico, os cinco principais grupos étnico-raciais e socioculturais na formação do povo brasileiro são: 1. os múltiplos povos indígenas (os ameríndios); 2. o branco (miscigenado) português católico; 3. os diversos grupos étnicos africanos negros escravizados; 4. os imigrantes brancos europeus, muitos deles de base protestante[8]; e 5. os asiáticos, com grande destaque para a comunidade japonesa. Com a óbvia maior presença dos indígenas, todos estes grupos contribuíram, significativamente, para a formação do *ethos* amazônico.

Ainda num recorte histórico, a presença do catolicismo (de carácter marcadamente popular) está presente na Amazônia desde o início da colonização portuguesa, evangelizando índios e contribuindo, etnicamente e culturalmente, para a criação do elemento caboclo.[9]

---

[6] CUNHA, Manuela Carneiro da. *Amazônia:* etnologia e história indígena. São Paulo: USP/FAPESP, 1993.

[7] Para atualizar este tema, sugiro, entre outras, a obra organizada pela Paula Montero, *Deus na Aldeia: missionários, índios e mediação cultural* (2006).

[8] RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro.* A formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

[9] Para entender o contexto indígena-católico-caboclo é indispensável a leitura dos trabalhos etnográficos de Eduardo Galvão - "A vida religiosa do caboclo da Amazônia" (1953) - e de Heraldo Maués, "Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião" (2005). No caso do Maués, é interessante o conceito de *pajelança cabocla* - tendo origem nas manifestações xamânicas

Falando agora do protestantismo, ao longo do processo histórico de contato cultural deste movimento religioso com as populações indígenas, houve várias agências missionárias que desempenharam (e algumas ainda desempenham) um importante papel na evangelização dos povos nativos: 'Summer Institute of Linguistics', 'New Tribes Mission', Missão Novas Tribos do Brasil, Missão Evangélica na Amazônia, Grupo de Trabalho Missionário Evangélico, Igreja Luterana do Brasil e as Juntas ligadas às igrejas Batista, Presbiteriana, Metodista e, nomeadamente, Assembleias de Deus[10]. Segundo Vanda Pantoja, foi num contexto de forte crise da Igreja Católica na Amazônia, por causa dos conflitos com o poder civil local e com a falta de cleros, que o protestantismo foi introduzido nesta região no século XIX[11].

É num substrato protestante norte-americano e sueco que o pentecostalismo surge na Amazônia (indígena e cabocla), em novembro de 1910, com a chegada dos missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg, originalmente baptistas, vindo dos Estados Unidos, berço do pentecostalismo. Inicialmente, eles começam a ministrar na Igreja Batista local. Porém - e confirmando a forte tendência do protestantismo (e mais ainda do pentecostalismo) para o divisionismo eclesiástico -, eles rompem com esta igreja e criam a 'Missão da Fé Apostólica' (o mesmo nome da igreja criada, em Los Angeles, por William Seymour, em 1906). Em 1917, chega ao Brasil Samuel Nystron, como o primeiro missionário oficialmente enviado pela Igreja Filadélfia de Estocolmo. E assim, em 1918, nasce a denominação 'Assembleias de Deus do Brasil'.[12]

Portanto, é num contexto multi-étnico-cultural-religioso amazônico, de múltiplas e diversificadas religiosidades e espiritualidades, que passam a atuar, a partir do início do século XX, os movimentos e igrejas pentecostais. Desde então ocorre, com mais

de grupos tupis, é uma forma de culto mediúnico de curandeirismo que incorporou crenças e práticas religiosas do catolicismo popular, kardecistas e africanas. E esta é uma dimensão religiosa-simbólica muito importante na Amazônia.

[10] ALMEIDA, Ronaldo de. *Tradução e Mediação: missões transculturais entre grupos indígenas.* In: Paula Montero (org.). *Deus na Aldeia:* missionários, índios e mediação cultural. São Paulo: Editora Globo, 2006. Cap. 7, p. 277-304

[11] PANTOJA, Vanda. *Santos e Espíritos Santos, ou católicos e evangélicos na Amazônia Marajoara.* Bélem, 2011. 223 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal do Pará.

[12] Sobre a história da presença das Assembleias de Deus no Brasil – e onde encontrará dados especificamente sobre a região Norte - sugiro a leitura da obra de Gedeon Alencar, *Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleias de Deus, 1911-2011* (2013).

intensidade nas duas últimas décadas, um processo de pentecostalização dos povos indígenas, de diferenciados estágios de integração (aculturação e assimilação) na sociedade brasileira, e das comunidades caboclas-ribeirinhas.[13]

Uma questão que me colocam, sempre que falo neste tema, é o porquê do aumento das conversões indígenas e da consequente proliferação de igrejas evangélicas na Amazônia[14], com forte destaque para as Assembleias de Deus. Eu respondo que é sempre difícil falar de um terreno geográfico-etnográfico no qual acabamos de chegar. No entanto, com base em experiências etnográficas anteriores - e em trabalhos de outros autores - é possível elencar algumas explicações.

Vamos recordar aqui a teoria durkheimiana de anomia (desregulação social), no contexto das denominadas sociedades mecânicas. As condições econômicas e sociais precárias das populações indígenas, relacionadas ao processo de aculturação/assimilação - com sérios problemas de alcoolismo nos homens e com mulheres no mundo da exploração sexual, factores que agravam ainda mais a situação e reforçam o estigma social (no sentido goffmaniano) destes grupos -, favorecem a penetração e expansão do pentecostalismo entre os grupos tradicionais. É importante lembrar que o pentecostalismo tem nas suas origens a prática de 'salvação espiritual' dos excluídos socialmente.

Além disso, normalmente, as igrejas evangélicas ocupam os espaços culturais onde o sistema simbólico-religioso original/tradicional não encontra condições de reprodução social. Por outro lado, é neste contexto que os indígenas se apropriam das práticas religiosas pentecostais e (re)criam a sua própria religiosidade. Uma outra questão central recai sobre o crescimento da intolerância religiosa por parte dos grupos evangélicos, principalmente aqueles conotados como sendo mais doutrinariamente 'fundamentalistas'.

[13] Sobre a 'pentecostalização indígena', sugiro a consulta, entre outras, das seguintes obras do antropólogo Robin Wright: *Transformando os Deuses: os múltiplos sentidos da conversão entre os índios do Brasil* (1999); *Transformando os Deuses: Igrejas evangélicas, pentecostais e neopentecostais entre os povos indígenas no Brasil* (2004).

[14] Segundo o IBGE, há uma tendência do aumento do número de evangélicos/pentecostais em todo o país. Dos 5 Estados, onde mais de 30% da população são evangélicos, 4 são da região Norte: Rondônia (35), Acre (33.6), Roraima (32.4) e Amazonas (32.1).

O conceito de ‘intolerância religiosa’ é muito complexo sociologicamente, com várias interpretações e, portanto, de difícil compreensão. Mas há aqui, uma linha de raciocínio que podemos seguir. A conversão evangélica implica (quase) sempre a rejeição à cultura religiosa autóctone (do nativo a ser convertido). Ou seja, no processo de conversão, na lógica do ‘born-again’, o novo crente deve rejeitar a sua cultura religiosa original, seja ela de base católica (popular), de culto aos orixás ou xamânica.

Vou tentar explicar melhor esta questão. As denominações evangélicas que trabalham com as populações indígenas atuam segundo dois princípios distintos: ‘inculturação’ e ‘transculturação’. Vejamos as principais diferenças entre estes dois modelos de mediação cultural, materializados num maior e/ou menor respeito pela cultura indígena.

Na perspectiva da transculturação, a missão é ‘salvar’ espiritualmente o indígena (‘pecador e sem Deus’). Para isso, é preciso converter e remodelar tudo aquilo que é representado como sendo parte do sistema religioso nativo - mitos, ritos, comportamentos, moral, símbolos [15] . Ou seja, a partir de uma (necessária) desestruturação da cosmologia original indígena, o objetivo é fazer uma reestruturação da mesma e inserção no modelo religioso evangélico. É neste contexto que podemos falar de ‘intolerância religiosa’? Talvez, mas como afirmei, o problema está no entendimento do que é ‘intolerância religiosa’.

Outra questão pertinente - e que devemos realçar - é que existe uma outra prática: a perspectiva da inculturação. Com maior sensibilidade antropológica, digamos assim, neste caso há um maior respeito e aceitação das tradições culturais e religiosas dos índios por parte dos missionários. Mais do que isso, os missionários servem de intermediários com os brancos e tentam apoiar as populações indígenas na sua luta pela demarcação de terras e ‘auto-determinação’ étnica. A partir dos ensinamentos bíblicos (usando, principalmente, o Novo Testamento e personagens chaves do Antigo Testamento) , a ideia é fazer uma partilha de códigos religiosos, ou seja, encontrar na cosmologia nativa elementos (acontecimentos, rituais, crenças) que podem ser traduzidos e adaptados, facilitando, deste modo, a aceitação do cristianismo por parte

[15] ALMEIDA, 2006, p. 287

dos indígenas. E, assim, as populações indígenas, em processo de evangelização, criam a sua própria maneira de viver a nova prática religiosa.

Para concluir...

Como vimos, após a (inevitável) presença histórica (colonial) do catolicismo na Amazônia, chegaram o protestantismo e o pentecostalismo. Ainda hoje, uma das maiores dificuldades dos movimentos e igrejas pentecostais é como lidar com o xamanismo, sistema simbólico-religioso predominante dos indígenas (Carneiro da Cunha, 1998) alvos do seus projetos de evangelização e de conversão.

O xamã (feiticeiro, curandeiro, mediador entre os espíritos e os seres humanos), que mantém "relações íntimas com as forças sobrenaturais"[16], segundo Lévi-Strauss, tem uma função religiosa-espiritual primordial no grupo, sendo o principal descodificador do sistema de referência simbólico e da visão de mundo indígena[17]. Por isso, neste jogo semântico e de ressignificação e de bricolagens religiosas[18], o xamã é a fonte privilegiada dos missionários, católicos e evangélicos, para fazer uma incursão na cultura indígena.

Os pentecostalismos caboclos na Amazônia têm como estofo as práticas da pajelança cabocla, logo e também, uma intimidade eletiva com suas práticas xamânicas de magia e êxtase. A cura, a profecia, as expressões linguístico-extáticas, etc. O imaginário antropológico do pajé expressa-se no líder religioso e também naquela ou naquele que "ora" sem querer romper com as doutrinas dos diversos movimentos evangélicos constituídos. Afinal, a prática da cura e dos êxtases podem ser vistos nos relatos bíblicos dos apóstolos e do próprio Cristo[19].

Na lógica das missões transculturais, no entanto, os espíritos que se manifestam no xamanismo são considerados seres malignos (o Diabo e seus demônios) e a pajelança (indígena) está associada ao espiritismo kardecista e à macumba (do universo das

[16] LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970, p. 188.
[17] ELIADE, Mircea. *Shamanism:* archaic techniques of ecstasy. Princeton: Princeton University Press, 1964.
[18] LÉVI-STRAUSS, 1970.
[19] MAUÉS, Raymundo Heraldo. *Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico:* a religião. *Estudos Avançados,* São Paulo, v. 19, n. 53, 2005, p. 253-272.

religiões afro-brasileiras); portanto, práticas xamânicas e pajelança não são de Deus e são contrárias aos ensinamentos evangélicos e devem, por isso, ser combatidas e eliminadas.

No contexto amazônico, o pentecostalismo apresenta duas características de grande interesse histórico, sociológico e antropológico, que exigem ainda muitos estudos:

a) As igrejas evangélicas (não todas), nomeadamente as Assembleias de Deus, dialogam com as culturas locais indígenas (possuidoras de crenças milenárias) e ribeirinhas, estratégia facilitadora no processo de conversão[20]. É importante lembrar que este processo dialogante inclui a tradução da Bíblia (uma narrativa escrita) para línguas nativas (de tradição oral).

b) Após a conversão evangélica, as populações indígenas e ribeirinhas "não deixam de trazer consigo práticas e crenças de seu antigo repertório cultural-religioso"[21], as suas narrativas míticas e expressões do sagrado. Ou seja, a partir dos seus processos culturais originais, os indígenas reinventam, ressignificam, transformam o pentecostalismo de matriz protestante num 'pentecostalismo indígena e caboclo'.

Referências

ALENCAR, Gedeon. *Matriz Pentecostal Brasileira:* Assembleias de Deus, 1911-2011. Rio de Janeiro: Editora Novos Diálogos, 2013.

ALMEIDA, Ronaldo de. *Tradução e Mediação: missões transculturais entre grupos indígenas.* In: Paula Montero (org.). *Deus na Aldeia:* missionários, índios e mediação cultural. São Paulo: Editora Globo, 2006. Cap. 7, p. 277-304

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (org.). *História dos Índios no Brasil.* São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *Amazônia:* etnologia e história indígena. São Paulo: USP/FAPESP, 1993.

_____. *Pontos de vista sobre a floresta amazônica*: xamanismo e tradução. *Mana,* Rio de Janeiro, v. 4, n.1, p. 7-22, 1998.

[20] PANTOJA, 2011.
[21] PANTOJA, 2011, p. 117

ELIADE, Mircea. *Shamanism:* archaic techniques of ecstasy. Princeton: Princeton University Press, 1964.

GALVÃO, Eduardo. *A vida religiosa do caboclo da Amazônia.* Boletim do Museu Nacional, Nova Série, Antropologia, Rio de Janeiro**,** n. 15, p. 1-18, 1953.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

_____. *O Pensamento Selvagem*. São Paulo: Editora Nacional, 1970.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. *Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico:* a religião. *Estudos Avançados,* São Paulo, v. 19, n. 53, p. 253-272, 2005.

MONTERO, Paula (org.). *Deus na Aldeia:* missionários, índios e mediação cultural. São Paulo: Editora Globo, 2006.

PANTOJA, Vanda. *Santos e Espíritos Santos, ou católicos e evangélicos na Amazônia Marajoara.* Bélem, 2011. 223 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal do Pará.

_____ *Amazônia: terra de missão, bispos ultramontanos e missionários protestantes na Belém do século XIX*. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 13, n. 21, p. 95-122, jan/jun, 2012.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro.* A formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RODRIGUES, Donizete. *O Evangélico Imigrante:* o pentecostalismo brasileiro salvando a América. São Paulo: Fonte Editorial, 2016.

_____. *O Antropólogo e o Sagrado:* trajetos etnográficos em contextos religiosos diferenciados. In: Emerson Sena da Silveira (ed.). *Como Estudar as Religiões* – metodologias e estratégias. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.

WRIGHT, Robin (org.). *Transformando os Deuses:* os múltiplos sentidos da conversão entre os índios do Brasil*.* Campinas: Unicamp, v. 1, 1999.

_____. *Transformando os Deuses:* Igrejas evangélicas, pentecostais e neopentecostais entre os povos indígenas no Brasil. Campinas: Unicamp, v. 2, 2004.